

personagem

APESAR DA DOR, O INÍCIO DE UMA NOVA HISTÓRIA

Força para recomeçar



Foto: Gutemberg Brito

A experiência do câncer é uma das mais transformadoras pelas quais um ser humano pode passar. De repente, ele se vê diante do imponderável. Sozinho, acuado, sem voz. Tudo perde o significado. Será? Nem sempre! Para muitas pessoas, os sentimentos são reavaliados e uma segunda vida começa a ser construída. Essas são as maiores mudanças verificadas na história daqueles que superaram a doença. Pessoas como a aposentada Luiza Bento de Lima, de 75 anos.

Quando descobriu um nódulo na mama direita, em 1983, a primeira reação de Luiza foi o desespero. “Nunca havia feito um exame preventivo e confesso que tinha vergonha de fazê-lo. Então, quando recebi a notícia de que teria de retirar a mama, fiquei meio perdida, sem saber a quem recorrer, principalmente porque cuidava de três irmãos mais novos e não conhecia nada a respeito da doença”, relatou Luiza que, 20 anos depois, teve

de enfrentar uma nova cirurgia, desta vez na mama esquerda.

“Receber um diagnóstico de câncer já é assustador. Imagina vivenciar isso duas vezes? A primeira coisa que me veio à cabeça foi de onde eu conseguiria tirar forças para enfrentar tudo de novo: as dores, as dificuldades do tratamento, a incerteza do futuro. Fiquei revoltada e não queria ver ninguém”, conta Luiza, que teve ainda uma recaída e quase não voltou para casa. Com o apoio dos amigos e familiares veio a conformação. “Aos poucos, entendi que a revolta é um sentimento inútil e vazio, ainda mais no caso de um inimigo silencioso, que se instala dentro de nós sem pedir permissão.”

E foi justamente no momento de dor que Luiza decidiu reescrever a sua história. Durante a realização de exames no INCA, ela conheceu o Ateliê de Artes e Ofícios Gaivotas, que é mantido pelo INCA Voluntário e oferece cursos gratuitos de alfabeti-



Luiza: “Temos que ter fé e seguir em frente. A vida continua”

Foto: SB Comunicação

zação, informática, inglês e trabalhos manuais para pacientes em recuperação. “Certo dia, assisti à aula de alfabetização e resolvi voltar a estudar. Sabia ler, mas, com a doença, a memória estava atrofiando e praticamente havia esquecido tudo. Com o incentivo do professor Evandro, me empenhei nos estudos e decidi me matricular em uma escola da Prefeitura. Hoje estou na sétima série”, conta Luiza.

Além de prosseguir com os estudos, Luiza continua freqüentando as aulas no INCA, onde faz também trabalhos manuais e participa de aulas de leitura. “Moro em Guadalupe e acordo diariamente às 5h para chegar à escola, no Centro da cidade, às 7h. Estudo até as 10h e de lá sigo para o INCA, onde faço minhas atividades no ateliê. Às vezes fico muito cansada, mas não penso em desistir. Era uma pessoa rebelde, reclamava de tudo. Hoje, vejo que só tenho a agradecer. Afinal, continuo bem após duas cirurgias e, apesar da dor, tive a oportunidade de voltar a estudar e conhecer outro mundo”, diz a aposentada, que não perde a serenidade nem mesmo para relatar um novo drama.

“Até a semana passada, me considerava uma sobrevivente do câncer. Agora já nem sei mais. Infelizmente, recebi a notícia de que tenho um outro nódulo, agora no pulmão esquerdo. Confesso que ainda estou desorientada, mas não vou me entregar. Já fiz todos os exames e enfrentarei a terceira

guerra contra o câncer com a mesma dignidade. Minha vida está nas mãos de Deus e confio na sua Providência”, diz a paraibana, que chegou ao Rio de Janeiro em 1960 e se orgulha de ter confeccionado roupas para algumas produções do cinema nacional, como *Os Trapalhões*, *Lua de Cristal* e *Navalha na Carne*.

Convicta, agora mais do que nunca, de que a vida continua e que a superação é possível, Luiza aproveita para fazer um alerta às mulheres. “Cheguei a esse ponto por ter vergonha de fazer o exame preventivo. Se tivesse procurado ajuda antes, poderia ter evitado tanta dor. Hoje, as campanhas estão aí para esclarecer sobre a doença e sabemos que a prevenção é fundamental, até mesmo para o sucesso do tratamento.”

Para a maioria dos pacientes, a esperança na possibilidade de domínio e até de cura do câncer é o caminho para a reação. No caso de Luiza, assumir uma atitude positiva frente a tantos desafios foi decisivo. “Apesar da dor e do desespero inicial, o diagnóstico do câncer nos leva a um autoconhecimento e, sem perceber, descobrimos uma força interior, que nos estimula a lutar pela sobrevivência. Além disso, a crença em algo maior que tudo, maior que a doença e o tratamento, fortalece a esperança de superar, com a ajuda de Deus, essa situação. Então, tem que ter fé e seguir em frente. Porque existe vida após o câncer.” ■